

VIVÊNCIAS NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE PROFESSOR

Laís Bazzo Nogueira Soares¹
Sílvia Cesar Nunes Militão²

O Programa Residência Pedagógica, programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, objetiva fomentar projetos de Instituições de Ensino Superior para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da Educação Básica nos cursos de licenciatura (BRASIL, 2022). Esse estudo é resultado das vivências experimentadas no subprojeto “O ensino de História e Geografia na formação e atuação do pedagogo: fomentando a articulação das distintas áreas e a efetivação da polivalência”, da Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC/Campus de Marília/SP, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Pretendemos relatar e refletir sobre a experiência da aplicação de uma sequência didática sobre a Região Nordeste do Brasil numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental.

De acordo com Ferreira e Siqueira (2020), um dos aspectos mais complexos da formação docente é criar oportunidades para que os alunos de licenciatura possam ter experiências em que integrem seus conhecimentos à prática docente, rompendo com a dicotomia entre teoria e prática. As autoras citam ainda Nóvoa (2008, p. 28), que defende que “a formação de professores deve passar para ‘dentro’ da profissão, isto é, deve basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concedendo aos professores mais experientes um papel centra na formação dos mais jovens” (apud FERREIRA e SIQUEIRA, 2020, p. 9). O Programa Residência Pedagógica age neste aspecto, inserindo os acadêmicos no campo-escola, possibilitando conhecer na prática a rotina escolar e vivenciar as experiências da sala de aula, orientados por um professor preceptor da escola de educação básica além do docente orientador.

Levando em consideração que um dos objetivos da Residência Pedagógica é a “atuação dos residentes em atividades de regência de classe e de intervenção pedagógica” (BRASIL, 2022, p. 4), o professor orientador do subprojeto propôs como atividades de regência a elaboração e aplicação de uma sequência didática interdisciplinar, para tentar

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília - SP, lais.bazzo@unesp.br;

² Professor orientador: Doutor em Educação, Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília - SP, silvio.militao@unesp.br.

superar a fragmentação do conhecimento, trabalhando um tema de forma globalizada. Segundo Kobashigawa *et al.* (2008), sequência didática (SD) é um conjunto de atividades, estratégias e intervenções planejadas para vários dias com o objetivo de que os alunos compreendam sobre certo conteúdo ou tema, sendo composta por diferentes atividades encadeadas que se aprofundam de forma crescente, utilizando diversas estratégias de ensino para que os alunos possam se apropriar dos conceitos, enquanto o professor pode acompanhar e avaliar a aprendizagem em relação ao tema.

Após reunião de orientação do professor orientador com os preceptores e com as alunas residentes, cada grupo de alunas se reuniu com seu preceptor, onde foram definidos os temas das sequências. Em nosso grupo, a partir do tema “Folclore” e devido às alterações de currículo que a pandemia de Covid-19 trouxe, resolvemos trabalhar as regiões do Brasil, cada região para uma das cinco residentes do grupo. Este trabalho apresenta as experiências da sequência didática sobre o Nordeste do Brasil. Tivemos cerca de um mês para elaborar o planejamento para quatro horas/aulas dos componentes curriculares de Geografia, História, Matemática e Língua Portuguesa, seguindo os objetos de conhecimento e habilidades indicados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o 5º ano do Ensino Fundamental, sempre com a preceptora disponível para orientação.

Na primeira aula, dedicada à disciplina de História, começamos com uma etapa fundamental da SD que é a avaliação diagnóstica dos conhecimentos dos alunos através de diálogo e registro coletivo. Também distribuimos um mapa do Nordeste com a divisão dos Estados para que os alunos pudessem anotar durante todas as aulas as características que descobrissem e considerassem interessantes. Projetando o mapa do Brasil dividido em capitânicas hereditárias, vídeos e mapa recente do Brasil, explanamos de forma dialogada como se deu a ocupação da região Nordeste e seu desenvolvimento até o presente momento. Lemos, então, a “lenda do algodão”, produto de destaque na região, instigando os alunos a fazer conexões entre a lenda e o Nordeste. Ao final, retomamos o registro inicial para anotar as características que chamaram a atenção dos alunos.

A segunda aula, dedicada à disciplina de Geografia, dando continuidade à aula anterior, tratou sobre a geografia e a cultura da região Nordeste, com projeção de vídeos que informavam sobre clima, relevo, produção, culinária, danças e etc. Os alunos tiveram espaço para comentar sobre o que viram e comparar os elementos do Nordeste com a região em que vivem, Sudeste, além de anotar na folha com o mapa que haviam recebido.

Na terceira aula, trabalhamos a disciplina de Matemática, com conteúdos que os alunos ainda não tinham domínio. Assistimos a um vídeo sobre o clima nas cinco regiões do

Brasil e projetamos gráficos de coluna agrupada, analisando e interpretando com os alunos os dados sobre as temperaturas mínimas e máximas nas regiões Nordeste (tema) e Sudeste (moradia). Organizados em duplas, os alunos receberam um gráfico de coluna agrupada para interpretar e preencher os dados em tabela de dupla entrada. A correção foi feita de forma coletiva.

Na quarta e última aula, o conteúdo foi o de Língua Portuguesa, em que trabalhamos a Literatura de Cordel, típica da região Nordeste. Apresentamos o que é o gênero literário e suas características, seus autores mais conhecidos, além de projetar vídeos em que pudessem perceber as rimas, o sotaque e a linguagem coloquial utilizada, trabalhando a variação linguística e o texto em versos. Também em duplas, os alunos receberam uma folha com uma poesia de Cordel infantil de adivinhas, em que deveriam preencher a última palavra da estrofe, que era o nome de um pássaro brasileiro.

O fechamento da sequência se deu com a folha do mapa do Nordeste preenchida com todas as características que anotaram durante as aulas, o registro coletivo do que sabiam antes da sequência e depois, e um mapa do Brasil com todas as regiões, resultado das sequências didáticas das cinco residentes do grupo.

A aplicação da SD foi uma ótima experiência, pois foi a primeira vez que demos aula para uma turma da Educação Básica. Passamos por muitas expectativas, ansiedade, angústia, frustrações e alegrias. Conhecer e conviver com os alunos durante cerca de seis meses antes da aplicação ajudou muito a entender como direcionar a sala, que atividades escolher, como lidar com cada aluno e a que eles recepcionassem bem as atividades propostas. Um aspecto muito interessante foi a administração do tempo, cuja habilidade vem com o tempo de profissão, então nos preparamos para aulas que levavam mais tempo do que o tínhamos, o que fomos adaptando entre uma aula e outra. Outro aspecto foi compreender neste processo que as expectativas com as atividades e sobre os alunos não se concretizam sempre, pois muitos fatores físicos e emocionais da turma, além da programação da escola, influenciam no que acontece em cada dia na sala de aula. Neste caso, o resultado da aplicação da SD foi muito positivo, pois os alunos se mostraram muito interessados, comentavam entre si, com outras turmas e com a família o que tinham visto de novidade, além de toda experiência adquirida.

Pimenta (1996, p.77) afirma que “o desafio, então, posto aos cursos de formação inicial é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu *ver o professor como aluno* ao seu *ver-se como professor*. Isto é, de construir a sua identidade de professor”. Neste sentido, concluímos que o Programa Residência Pedagógica proporciona aos licenciandos a oportunidade de construir a sua identidade de professor, pois nos insere na escola para

observar e intervir de forma orientada, e percebemos aos poucos o olhar mudar de aluno, de quem éramos em uma sala de aula, para o olhar de quem seremos: professores.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Formação de professores; Sequência didática; Regiões do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento ao subprojeto do Programa Residência Pedagógica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Marília – SP.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Programa de Residência Pedagógica. **Edital n.º 24/2022**. Brasília, 2022.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria GAB nº 82, de 26 de abril de 2022. **Dispõe sobre o regulamento do Programa Residência Pedagógica - PRP**.

FERREIRA, Pamela Cristina Conde; SIQUEIRA, Miriam Carla da Silva. Residência Pedagógica: um instrumento enriquecedor no processo de formação docente. **Revista Práticas de Linguagem**, Juiz de Fora, v.10, n. 1, p.1-19, 2020.

KOBASHIGAWA, A. H. *et al.* **Estação ciência: formação de educadores para o ensino de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental**. IV Seminário Nacional ABC na Educação Científica. São Paulo, p. 212-217, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996.